

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

PÂMELA TALITA VALDEZ DE LIMA

**DOCÊNCIA, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: A PARENTALIDADE LGBTQIA+ EM DEBATE**

**Dourados
2024**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

PÂMELA TALITA VALDEZ DE LIMA

**DOCÊNCIA, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO
INFANTIL: A PARENTALIDADE LGBTQIA+ EM DEBATE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Educação Física
como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciatura em Educação Física
pela Universidade Federal da Grande
Dourados.

ORIENTADORA: DRA. CASSIA CRISTINA FURLAN

Dourados
2024

Dedico este trabalho à minha família que
sempre me apoiou e incentivou a seguir
meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente a professora Dra. Cassia Cristina Furlan, por me direcionar, ensinar, confiar e proporcionar oportunidades para o meu desenvolvimento íntegro, pessoal e profissional, meus amigos de formação que estiveram presente comigo nestes 3 anos universidade, aos demais professores que compuseram e integraram a minha formação profissional, a todos os profissionais da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Grande Dourados que sempre mantiveram o bloco em pleno funcionamento e à total disposição aos discentes.

Agradeço aos meus pais Sandra Michele e Wesley por sempre me ajudarem em momentos difíceis, e meu companheiro Vinícius por sempre estar comigo e me incentivar em momentos que duvidei do meu potencial.

PÂMELA TALITA VALDEZ DE LIMA

DOCÊNCIA, GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: A
PARENTALIDADE LGBTQIA+ EM DEBATE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Educação Física, pela
Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

 Documento assinado digitalmente
CASSIA CRISTINA FURLAN
Data: 06/12/2024 11:39:18-0300
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Profa. Dra. Cássia Cristina Furlan (Orientadora) - UFGD

Marcelo José Taques

Prof. Dr. Marcelo José Taques - UFGD


Prof. Dr. Manuel Pacheco Neto - UFGD

Data da aprovação:
Dourados, 27 de novembro de 2024.

RESUMO

As famílias homoparentais estão cada vez mais presentes na educação infantil, com isso as instituições devem estar preparadas para o seu público, sem amarras em crenças, costumes e religiões. Mesmo com as diversidades de gênero e sexualidade presentes no contexto escolar, muitas/os docentes não conseguem lidar com famílias homoafetivas em suas turmas, preferindo “não se envolver”. Por isso os estudos que analisam a inclusão dessas famílias e alunos nas instituições públicas estão em alta. Os dados foram obtidos por meio de levantamentos bibliográficos através dos bancos de dados SciELO, BDTD (Banco de teses e dissertações) e CAPES, foram utilizadas as palavras-chaves em conjunto com operadores booleanos: (“gênero e sexualidade” AND "docentes" AND “educação infantil”) (“famílias homoparentais”) AND “famílias homoafetivas” AND “educação”). A pesquisa caracteriza-se pela técnica de observação participante, e a coleta de dados foi feita em uma instituição de educação infantil de Dourados. Foram entrevistados 33 funcionários. As entrevistas foram presenciais com duração de 10 minutos, com um roteiro predefinido. Os resultados apontam que a prefeitura não disponibiliza formações continuadas sobre diversidades de famílias e/ou gênero e sexualidade para a educação infantil, ocasionando na falta de informações para o corpo docente. Identificou-se que o CEI onde ocorreu a coleta de dados, não promove eventos inclusivos para todos os formatos de famílias, e também não leva tal tema como questão de debate entre seus funcionários.

Palavras-chave: Educação infantil; formação docente; família homoafetiva.

ABSTRACT

Homoparental families are increasingly present in early childhood education, which requires institutions to be prepared to serve this audience without being tied to beliefs, customs, or religion. Despite the presence of gender and sexuality diversity in the school context, many teachers struggle to address homoparental families in their classrooms, often opting to "stay uninvolved." This has led to a rise in studies analyzing the inclusion of these families and students in public institutions. The data were collected through bibliographic research using databases such as SciELO, BDTD (Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations), and CAPES. Keywords were combined with Boolean operators: ("gender and sexuality" AND "teachers" AND "early childhood education") and ("homoparental families" AND "homoaffective families" AND "education"). The research employed participant observation, and data collection was conducted in an early childhood education institution in Dourados. A total of 33 staff members were interviewed in person, with interviews lasting approximately 10 minutes and following a predefined script. The results indicate that the local government does not provide continuing education on family diversity and/or gender and sexuality for early childhood education. This lack of training leads to a gap in knowledge among teaching staff. Additionally, it was found that the institution where data were collected does not promote inclusive events for diverse family structures nor addresses these topics as a matter of discussion among its staff.

Keywords: Early childhood education; teacher training; homoaffective family.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OBJETIVO GERAL	10
2.1. Objetivos específicos	10
3. REVISÃO DE LITERATURA	11
3.1. Gênero e sexualidade na educação infantil	11
3.2. Direitos das famílias homoafetivas	12
3.3. Formações de docentes	12
4. PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	14
5. DISCUSSÃO	17
5.1. Diversidade de família	17
5.2. Crenças e religiões	21
5.3. Formação docente	23
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

1.INTRODUÇÃO

Gênero e sexualidade são temas emergentes quando se trata da educação, no entanto, por falta de formação, muitas pessoas ligam as temáticas a termos como “ideologia de gênero” e as retóricas a ele associadas. Segundo Furlani (2015), o termo é utilizado de forma pejorativa, trazendo os estudos de gênero como ameaça para a sociedade, cujo objetivo é corromper a família tradicional brasileira e os valores da sociedade conservadora. Nessa direção, é preciso evidenciar a história do conceito e os significados atribuídos a ele dentro de vertentes científicas, visando elucidar os problemas de interpretação decorrentes do uso do termo ideologia. O conceito de gênero passou a ser discutido academicamente a partir da segunda onda do feminismo com a colaboração da filósofa Simone de Beauvoir quando proferiu em seu livro *O segundo sexo*, que “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1980 *apud* Colling, 2018). A partir desse momento o conceito de gênero passa a ser incorporado pelo movimento feminista como uma ferramenta útil de análise para identificar relações e assimetrias entre os gêneros, diferenciando então sexo (genitália do indivíduo) e gênero (como as pessoas se identificam, a partir de interferências culturais).

Ao tratar-se do conceito de gênero, não se ignora o aspecto biológico, mas ressalta-se a construção histórica e social que interfere na constituição das identidades das pessoas, pois é nesse momento que se percebe a (re)produção de desigualdades, a consolidação de papéis sociais e a hierarquização de relações. Para Mochi, (2016) um dos principais cuidados quando se trata do tema, é não se referir a papéis masculinos e femininos, pois ambos se tratam de rótulos estabelecidos pela sociedade. Pode-se notar que a educação brasileira tem dificuldade em renunciar a utilização desses rótulos e eles interferem inclusive na constituição de representações sociais acerca das sexualidades das pessoas, como se elas decorressem de uma definição de sexo/gênero, de modo linear e binário. Dessa forma discutir temas, como: arranjos parentais, famílias homoafetivas e homossexualidade se torna cada vez mais trabalhoso, dados os preconceitos que se consolidam ao redor dessas temáticas.

As relações de gêneros no contexto educacional tem sido um dos assuntos mais debatidos atualmente, visando a implementação em planejamentos na educação brasileira. Mesmo diante do acesso à informação, existem muitos/as professores/as contrários ao debate sobre essas questões, alegando que a educação não é lugar para esses temas. No entanto, esse tema é de extrema importância para a sociedade, visto que com ele podemos ensinar às crianças o respeito ao próximo, a liberdade de expressão, as diferentes formas de amor e afetos, e a valorização das diferenças no contexto da sociedade e das culturas. Por esses motivos, é

fundamental analisar as maneiras como esse tema é introduzido nas escolas, se ainda existem tabus entre docentes que rejeitam esses temas, mesmo se tratando de assuntos relevantes na cultura escolar.

No âmbito educacional as famílias homoparentais estão cada dia mais presentes. Para Oliveira, (2020) a instituição de ensino deveria ser um espaço livre, democrático e ideal para debater tais temáticas, pois a sexualidade faz parte do sujeito, independentemente da sua idade, ela não está distante do contexto infantil. A visão de que o centro de educação infantil é uma extensão da maternidade, acaba por dificultar o trabalho de docentes com o tema

Segundo Castro (2010), os discursos de sujeitos sempre levam ao fato de que os profissionais da educação infantil continuam sendo percebidos como uma extensão da família. Essa é uma das lutas dos profissionais da educação, uma vez que tais discursos tornam a dificuldade em trabalhar temas e segundo o currículo municipal de 2020, formações referentes a temas de gênero e sexualidade, estão disponíveis apenas para o ensino fundamental II, e professores de educação física participam.

Considerando-se o contexto da Educação Física, o currículo da rede municipal de ensino prevê que docentes de educação física devem desenvolver com seus/suas alunos/as temas como saúde, sexualidade e gênero, vida familiar e social, que cursam os anos finais do ensino fundamental. Essa é a faixa etária que já possui um pequeno conhecimento sobre gênero e sexualidade, muitas vezes com a personalidade formada reproduzindo ou quebrando valores familiares. Dessa forma não há abordagens (ou são raras) sobre o tema nos anos iniciais, quando os alunos descobrem o próprio corpo, e tem curiosidade sobre o do colega. É nesse momento que as abordagens deveriam iniciar, proporcionando um conhecimento e auxiliando na formação de identidade de cada indivíduos (CASTRO,2010).

Por esses motivos, essa pesquisa visa coletar dados de docentes atuantes na rede municipal de ensino infantil, para saber se e como lidam com crianças de famílias homoafetivas, principalmente em datas comemorativas, se esses temas são trabalhados com os professores por meio de formações continuadas, e quais as percepções dos mesmos referentes ao assunto.

2.OBJETIVO GERAL

Analisar como a equipe escolar compreende as questões de gênero e sexualidade no cenário educacional, especialmente relacionadas à inclusão de famílias homoparentais na instituição.

2.1. Objetivos específicos

Analisar como os docentes compreendem as questões de gênero no cenário educacional;

Verificar se a temática é problematizada com os pais e crianças;

Refletir sobre as formas de inclusões de famílias LGBTQIA+ no contexto escolar e em datas comemorativas na instituição.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1. Gênero e sexualidade na educação infantil

Um dos temas mais polêmicos na educação hoje em dia é gênero e sexualidade. Para Silva (2015) o conceito de gênero fundamenta-se na análise dos processos de constituição das diferenças biológicas, comportamentais, percebidas no senso comum do binarismo sexo/gênero. Segundo Junqueira (2007), é perceptível que as pesquisas relacionadas às sexualidades são fortemente afetadas pelos padrões morais e religiosos de cada época, e quando relacionados à educação infantil, muitas falas com cunho religioso questionam e não aprovam tais assuntos, por relatarem que o estudo de gênero e sexualidade sexualizam crianças, e abordam temas que não devem ser trabalhados em determinada idade.

Segundo Borges (2016) podemos perceber a presença da sexualidade em todas as etapas da vida, mas esse tema está rodeado de tabus, e abordar os mesmos traz certo receio, pois abre espaço para falas preconceituosas, onde os valores pré-determinados pela sociedade e/ou religião ganham forças. Para Furlani (2015), os currículos escolares reproduzem tabus, através das diferenças culturais que não mostram as representações sobre a construção das identidades.

Na educação infantil a sexualidade também está presente, pois é a fase que as crianças descobrem o próprio corpo e se interessam com o diferente. Segundo Ciribelli e Rasera (2019) existe uma educação do corpo da criança por meio da qual se inserem limites vindos das normas sociais, por isso deve ser trabalhado, de forma tranquila e explicativa, desde ao ensinar em quais parte de corpo podem ser tocados, quem pode trocar a roupa. Para Connell (1995) quando trabalhamos gênero, não ignoramos os aspectos biológicos, mas trabalhamos o conhecimento corporal e a formação da identidade de cada indivíduo.

A educação atual ainda é um espaço sexista, e para Araújo (2022), não é coincidência que a educação infantil e o ensino fundamental sejam espaços feminilizados, enquanto o ensino superior é marcado pela maior presença de homens. Essa visão vem marcada historicamente através de “atributos femininos”, e trazendo o olhar principalmente para a educação infantil como uma extensão do lar.

Essa realidade reflete as construções sociais e culturais que ainda perpetuam estereótipos e desigualdades, reforçando as barreiras enfrentadas por grupos que fogem às “normalidades”, como casais homoafetivos, especialmente aqueles inseridos em contextos de maternidade. Quando se trata de maternidade lésbica, as falas sempre serão dividindo-as em pais e mães, e resultando em quem é a “mais mãe” (ARAÚJO, 2022). Ainda

na linha de raciocínio da autora, esse desgaste faz parte da rotina de casais homoafetivos, que precisam constantemente afirmar e reafirmar seus direitos em várias situações do dia a dia, as quais casais heteronormativos vivenciam normalmente, pois é dessa forma que o Estado e suas leis estão estruturados.

3.2. Direitos das famílias homoafetivas

Atualmente o conceito de família passou a ser baseado em laços afetivos. Segundo Oliveira (2020) o padrão heteronormativo, composto por pai, mãe e filhos, não é a única composição familiar existente. Pessanha (2011) explica que a família homoafetiva é formada por duas pessoas do mesmo sexo, com o intuito de formar uma entidade familiar, que vise a comunhão plena de vida e de interesses.

Mesmo com o avanço da tecnologia, e o alcance de conhecimento tenha aumentado, Oliveira (2020) explica que as famílias homoparentais enfrentam vários conflitos e desafios diante da realidade de seus filhos. Para Araújo (2022) grande parte da sociedade ainda carrega os preconceitos e valores arcaicos enraizados, a fim de impor a heteronormatividade, valores religiosos e culturais para as crianças através de instituições reguladoras.

As famílias homoafetivas foram legitimadas através do reconhecimento da união homoafetiva pela Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI), n.º 4277-DF (2011), e pela Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF), n.º 132-RJ (2011). A Constituição Federal ao outorgar a proteção à família, independentemente da celebração do casamento, estabeleceu novo conceito de entidade familiar e acolheu outros vínculos afetivos (OLIVEIRA, 2020).

O autor diz que as noções de família e sexualidade são construídas com base nas categorias socialmente instituídas, resultantes da história que acompanham os processos sociais, culturais e políticos. E é nesse cenário que as famílias homoafetivas estão inseridas, nesse novo paradigma da família contemporânea.

3.3. Formações de docentes

A Educação Sexual no âmbito escolar encontra muitas dificuldades a sua implementação, principalmente devido aos valores culturais impostos pela sociedade. Segundo Ribeiro (2013) isso pode mudar nas formações de docentes, pois quando há preparo e

capacitação para tais temas, a visão docente pode tornar-se outra, influenciando diretamente o meio educacional que trabalha.

Mesmo com as diversidades de gênero e sexualidades presentes no contexto escolar, muitas/os docentes não conseguem lidar com famílias homoafetivas em suas turmas, preferindo “não se envolver”. As instituições nem sempre acolhem tais famílias e utilizam falas para justificar a ausência de reflexões sobre o tema, tais como “no tempo de formação isso não era comum”, utilizando-as como motivo para a não inclusão da diversidade de família e o respeito às mesmas no contexto escolar, assim como Junqueira (2007) diz que, as instituições se negam a perceber e a reconhecer as diferenças de públicos presentes nela. Os parâmetros nacionais de qualidade para as instituições de educação infantil (2006) falam que professores e gestores devem desenvolver atividades com as crianças e familiares a respeito da diversidade de gênero e orientações contra a discriminação.

No que diz respeito às responsabilidades da Educação infantil, “os parâmetros nacionais de qualidade a educação infantil regem o trabalho do professor e da instituição visando uma educação digna e de qualidade” (REIS,2016). As formações continuadas disponibilizadas para docentes da educação pública dificilmente abordam temas como diversidade de famílias, e isso gera uma grande falta de conhecimentos para professores/as. Para Crociare e Perez (2019) o processo de formação docente encontra-se defasado, referente às questões relacionadas a sexualidade, o que ocasiona uma série de lacunas prejudiciais ao trabalho pedagógico docente.

Professores/as e educadores/as parecem ter dificuldades de trabalhar e discutir temas como diferentes arranjos familiares e homossexualidade (OLIVEIRA,2020). Segundo Reis (2016) existe uma grande dificuldade para professores aceitarem e trabalharem o tema, pois não estão acostumados com a diversidade de gênero e sexual. A autora diz que os professores são frutos de uma sociedade patriarcal, sexista, heteronormativa e opressora, e tendem a seguir tais elementos.

Ao melhorar as formações de professores e da equipe escolar como um todo, não apenas da educação infantil, evita-se muitos problemas futuros e possibilita ampliar a forma de olhar para essas questões. Trabalhando desde cedo gênero e sexualidade, é possível oportunizar ao indivíduo se autoconhecer, e também adquirir informação que muitas vezes não obtém em casa. Os ajuda a lidar com preconceitos estipulados pela própria sociedade e aprender que se deve respeitar todos independente da sua sexualidade. Para Crociari e Perez (2019) o enfoque é apontar como o papel do/a professor/a é de extrema importância para a desconstrução e reproduções de costumes. Elas também ressaltam a importância de trabalhar gênero na

Educação Infantil, e mostram estudos específicos sobre gênero na Educação Infantil que destacam a formação e atuação docente da área sendo defasada.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS OU MÉTODOS

A pesquisa tem abordagem qualitativa. É uma pesquisa de campo utilizando a observação participante e entrevistas semiestruturadas, em um centro de educação infantil de Dourados-MS. A pesquisa dividiu-se em duas etapas: revisão da literatura e pesquisa de campo.

A primeira etapa realizou-se por meio busca dos artigos nas bases de dados SciELO, BDTD (Banco de teses e dissertações) e CAPES. Para padronização da busca foram utilizadas as palavras-chaves em conjunto com operadores booleanos: (“gênero e sexualidade” AND “docentes” AND “educação infantil”) (“famílias homoparentais” AND “famílias homoafetivas” AND “educação”). Como critério de inclusão foram selecionados artigos dentro de um recorte temporal de 2000 a 2023, artigos apenas em português e artigos que tematizam famílias homoparentais/ homoafetivas na educação infantil. A busca dos artigos foi realizada do dia 17 de outubro de 2023 à 07 de fevereiro de 2024. Os resultados foram exportados para o programa Excel 2021 (Microsoft, Washington, Estados Unidos Da América). O processo de busca resultou em 60 artigos. Destes 5 foram removidos por serem duplicatas. Logo após, 24 artigos foram removidos depois da leitura de títulos, majoritariamente os registros não se tratava de famílias homoafetivas na educação infantil. Dos restantes, 18 foram descartados após leitura dos resumos.

Na segunda etapa, foram entrevistados 33 de 46 funcionários da instituição sendo eles, professores, administrativos e inspetores de pátio.

Tabela 1: Caracterização geral

NOME	IDADE	ETNIA	GÊNERO	SEXUALIDADE	ESTADO CIVIL	RELIGIÃO	FORMAÇÃO	CARGO	TEMPO DE ATUAÇÃO	RESIDE COM QUANTAS PESSOAS E QUAL VÍNCULO ENTRE ELAS?
BRUNO	24	BRANCO	HOMEM CIS	HOMOSSEXUAL	SOLTEIRO	EVANGÉLICO	CURSANDO ARTES CENICAS	INSPECTOR DE PATIO	1 ANO E 6 MESES	1, NAMORADO
BRUNA	58	PARDA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	CATÓLICA	ENSINO MEDIO COMPLETO	SERVENTE	2 ANOS E 3 MESES	4, ESPOSO E FILHOS
PAULO	23	PARDO	HOMEM CIS	HOMOSSEXUAL	SOLTEIRO	AGNÓSTICO	CURSANDO ARTES CENICAS	INSPECTOR DE PATIO	1 ANO E 6 MESES	1, NAMORADO
ALICE	50	PARDA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	EVANGÉLICA	FORMADA EM PEDAGOGIA, COM ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL	PROFESSORA	9 ANOS	3, ESPOSO, FILHOS E SOGRA
MALU	22	BRANCA	MULHER CIS	HOMOSSEXUAL	SOLTEIRO	CATÓLICA	CURSANDO PEDAGOGIA	INSPECTOR DE PATIO	2 ANOS E 6 MESES	3, MÃO, IRMÃ E SOBRINHO

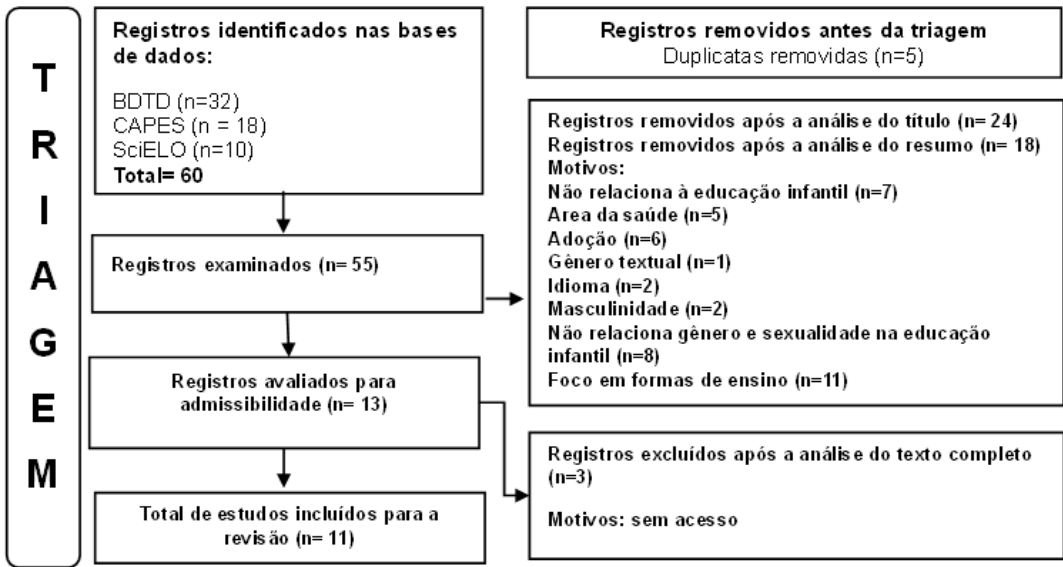
ANTONIA	50	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	CATÓLICA	FORMADA EM PEDAGOGIA, ADMINISTRAÇÃO, E PÓS EM PSICOPEDAGOGIA E EDUCAÇÃO ESPECIAL	PROFESSORA	14 ANOS	1, ESPOSO
GIULA	25	NEGRA	MULHER CIS	HOMOSSEXUAL	SOLTEIRO	AGNÓSTICA	CURSANDO LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS	INSPECTOR DE PATIO	2 ANOS E 6 MESES	1, NAMORADA
ESTELA	37	PARDA	MULHER CIS	HOMOSSEXUAL	UNIÃO ESTAVEL	CATÓLICA	FORMADA EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESA, PEDAGOGIA, EDUCAÇÃO FÍSICA, E PÓS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL	PROFESSORA APOIO	12 ANOS	2, ESPOSA E FILHO
CARLA	21	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	SOLTEIRO	CATÓLICA	CURSANDO LICENCIATURA EM LETRA ESPANHOL	INSPECTOR DE PATIO	3 ANOS	1, IRMÃ
JUNIOR	21	PARDO	HOMEM CIS	DEMISSEXUAL	SOLTEIRO	AGNÓTICO	Cursando licenciatura em educação física	INSPECTOR DE PATIO	1 ano e 5 meses	3, NAMORADA E AMIGOS
SUELEN	42	PARDA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	SOLTEIRO	EVANGÉLICA	Cursando pedagogia	SERVENTE	8 anos	1, ESPOSO
ANA	43	NEGRA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	CATÓLICA	pedagogia	SERVENTE	1 ano	3, ESPOSO E FILHOS
ELIAS	25	BRANCO	HOMEM CIS	BISSEXUAL	SOLTEIRO	AGNÓSTICO	Cursando pedagogia	INSPECTOR DE PATIO	5 anos	1, IRMÃ
ENZO	24	PARDO	HOMEM CIS	HETEROSSEXUAL	SOLTEIRO	CATÓLICO	Cursando educação física licenciatura e física licenciatura	INSPECTOR DE PATIO	2 anos e 6 meses	3, IRMÃO, PAI E MÃE
VIVIANE	60	PARDA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	EVANGÉLICA	pedagoga	PROFESSORA APOIO	12 anos	1, ESPOSO
SARA	51	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	DIVORCIADA	CATÓLICA	Graduação em pedagogia, pós graduação em educação especial, e especialista na educação infantil	PROFESSORA	12 anos	1, FILHO
SANDRA	49	PARDA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	EVANGÉLICA	Graduação em pedagogia, pós graduação em educação especial e arte	PROFESSORA	12 anos	2, ESPOSO E FILHO
PIETRA	54	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	ESPIRITA	Pedagogia, pós graduação em educação especial e graduação em arte	PROFESSORA	17 anos	1, ESPOSO
LAÍS	43	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	CATÓLICA	pedagoga	INSPECTOR DE PATIO	5 anos	2, ESPOSO E FILHO
ÁGATA	45	AMARELA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	CATÓLICA	Direito, pedagogia e pós educação infantil e anos iniciais	PROFESSORA	9 anos	3, ESPOSO E FILHOS
ADRIA	42	NEGRA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	AGNÓTICA	Ensino médio completo	SERVENDE	14 anos	4, ESPOSO E FILHOS
KENIA	56	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	ESPIRITA	Pedagoga, psicopedagogia, neurociência aplicada em aprendizagem e aba	PROFESSORA	12 anos	1, ESPOSO
DIANA	58	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	UNIÃO ESTAVEL	CATÓLICA	Pedagogia, pós educação especial	PROFESSORA	38 anos	1, ESPOSO
RUTE	49	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	SOLTEIRO	CATÓLICA	Pedagoga, psicopedagoga	PROFESSORA	23 anos	1, FILHA
LAURA	48	NEGRA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	CATÓLICA	Pedagoga, pós em educação especial	PROFESSORA	5 anos	5, ESPOSO E FILHOS
JANETE	55	PARDA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	DIVORCIADA	PROTESTANT E	Pedagoga, teólogo, letras literatura, pós em educação infantil e mestrado em educação linha história memória e sociedade	PROFESSORA	15 anos	1, FILHO

CECÍLIA	40	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	CASADA	CATÓLICA	Fisioterapeuta, pós em fisioterapia do trabalho e ergonomia, gestão e administração escolar, secretaria escolar na contemporaneidade	SECRETÁRI A	4 anos	3, ESPOSO E FILHOS
EMILY	42	PARDA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	UNIÃO ESTAVEL	EVANGÉLICA	Pedagogia, pós graduada em educação infantil e gestão	PROFESSORA	15 anos	4, ESPOSO E FILHOS
JESSICA	39	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	DIVORCIADA	LUTERANA	Pedagoga, pós em educação infantil e especial	PROFESSORA	15 anos	NENHUMA
RENATA	38	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	UNIÃO ESTAVEL	CATÓLICA	Pedagoga, mestrado em educação	PROFESSORA	18 anos	4, ESPOSO E FILHOS
JONAS	25	PARDO	HOMEM CIS	HETEROSSEXUAL	CASADO	CATÓLICA	Cursando física licenciatura	INSPECTOR DE PATIO	3 anos	2, ESPOSA E FILHO
MARCO	41	BRANCO	HOMEM CIS	HETEROSSEXUAL	CASADO	PRESBITERIA NO	Educação física licenciatura		8 anos	4, ESPOSA E FILHOS
CLAUDIA	47	BRANCA	MULHER CIS	HETEROSSEXUAL	DIVORCIADA	EVANGÉLICA	Pedagoga, pós em educação especial, neuro pedagogia e neurociência	COORDE- NADORA	24 anos	1, FILHO

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

As entrevistas foram feitas de 23 de maio de 2024 a 17 de junho de 2024, todas agendadas e tiveram a duração de 10 minutos em média. O roteiro foi semiestruturado e contava com 10 perguntas. Também compôs a análises o diário de campo da pesquisadora, constituído por relatos de situações e vivências no campo de pesquisa ao longo da realização da mesma. As análises foram balizadas a partir das leituras dos textos em interlocução com as falas dos/as funcionários/as entrevistados.

Figura 1: Fluxograma do processo de seleção de registros para a revisão de literatura



Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Figura 1: Descrição dos estudos selecionados

Autor	Ano	Titulo	Plataforma
-------	-----	--------	------------

Marcia Cristina Argenti Perez Ariane Crociari	2019	O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente	CAPES
Rita de Cassia Vieira Borges	2017	Educação em sexualidade, sexualidade e gênero: desafios para professoras(es) do ensino infantil	BDTD
Castro, Nilsandra Martins de	2010	Representações de identidades de gênero e de sexualidade nos discursos de professores de educação infantil	BDTD
Reis, Mariana Cristina Lima	2016	A atuação dos professores de educação infantil em relação ao gênero: sexualidade infantil, discriminação social e relação de poder	BDTD
Miranda, Amanaiara Conceição de Santana	2016	Gênero/ sexo/sexualidade: representações e práticas elaboradas por professoras/es da educação infantil na rede municipal de ensino em Salvador	BDTD
Pessanha, Jackelline Fraga	2011	Direito fundamental à educação e as famílias homoafetivas: uma reflexão sobre o currículo multicultural nas escolas	BDTD
Mochi, Luciene Celina Cristina	2016	Afinal, do que é feita uma família? Famílias homoafetivas femininas: da (in)visibilidade às percepções hétero/naturalizadas de profissionais da educação básica	BDTD
Louredo, Fernanda Polo	2020	Famílias homoafetivas e direitos civis na contemporaneidade: análises psicossociais da decisão do STF	BDTD
Oliveira, Roberdan Ferreira de	2020	Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário	BDTD
GABRIELLE MANSUR ARAUJO	2022	Maternidades lésbicas e subversividades: identidades de gênero em contextos adversos	BDTD
Bahia, Alexandre Gustavo Melo Franco; Vecchiatti, Paulo Roberto Iotti	2013	ADI N.4.277 - Constitucionalidade e relevância da decisão sobre união homoafetiva: o STF como instituição contra majoritária no reconhecimento de uma concepção plural de família	Scielo

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

5. DISCUSSÃO

5.1. DIVERSIDADE DE FAMÍLIA

Atualmente a família é baseada em laços de afeto, como a família homoafetiva, que é aquela formada por duas pessoas do mesmo sexo (PESSANHA,2011). O intuito desse laço é a comunhão plena de vida e de interesses, de forma pública, contínua e duradoura. Ao questionar

para os entrevistados, sobre o que é família e como ela é formada, obtivemos as seguintes respostas:

Tabela 2: O que é família e com é formada?

O que é família?		Em sua opinião, como uma família é formada?	
Vínculo afetivo	18	Diversidade de famílias	19
Vínculo sanguíneo	01	Heteronormativas	14
Pai, mãe e filhos	05		
Alicerce e algo divino	09		
Total:	33	Total:	33

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Durante as nossas entrevistas coletamos muitas frases como a da professora Jéssica “desde que haja uma união, mesmo sendo por vezes homoafetivo ou não, para mim é família. Não existe essa distinção, que precisa especificamente ser um pai ou uma mãe. São pessoas que convivem, se respeitam e se gostam”, ao se referir a formações de família na atualidade.

Outros justificam seus pontos de vista, sendo a forma que eles têm contato, como o Enzo, que iniciou dizendo “por conta de como fui criado, acredito que família é pai, mãe e uma possibilidade de um irmão, avós e tios”.

Segundo Mello (2005) a desorganização familiar, isso para se referir à família homoparental, é apontada por muitas pessoas como a responsável por toda dificuldade que atinge os indivíduos, como por exemplo, o uso de drogas e problemas na escola, podemos perceber isso na fala da professora Alice “família é a base de tudo, precisamos ter uma família bem estruturada pra que tudo dê certo. Quando ela se desestrutura fica tudo muito difícil, então pra ter uma criança saudável e bem desenvolvida, tem que ter uma base firme com pai e mãe juntos”.

Falas como da professora Viviane foram encontradas durante as entrevistas, afirmando que “toda a minha família é de forma “correta”, vamos dizer assim. E na minha concepção, se forma uma família um homem e uma mulher”. Para Araújo (2022), os sistemas simbólicos da sociedade reforçam as estruturas classificatórias de poder e acabam marginalizando famílias não tradicionais ao reforçar as classificações de gênero e a configuração de família tradicional. Ainda nessa autora, a mesma reafirma a importância de trabalhar essas temáticas dentro e fora

do campo educacional, para que essas famílias ganhem mais espaço social e possam garantir de maneira efetiva seus direitos.

Uma das questões levantadas através das entrevistas foi “para você as famílias homoafetivas tem uma participação igualitária em relação as demais famílias, no contexto escolar?”, e as respostas coletadas foram:

Tabela 3: Inclusão das famílias

como é feito a inclusão e a interlocução com as famílias homoafetivas?		Para você as famílias homoafetivas têm uma participação igualitária em relação as demais famílias, no contexto escolar?	
Não é feita nenhuma inclusão	04	Sim, participação igualitária	15
São tratadas com respeito	05	Participam, mas são reclusas	02
De forma igualitária	10	Não é igualitário	03
Não sei responder	14	Não sei	13
Total:	33	Total:	33

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Como a Bruna, servente, de 58 anos, respondeu “família é constituída por vínculos não de sangue, mas de afeto”, e ao ser questionada de como a mesma é formada, disse “Ela é constituída de pai, mãe e filhos”. Em sua entrevista Bruna se mostrou cautelosa ao escolher as palavras, e optou por não responder sobre sexualidade, já em outra pergunta que trouxe a questão de inclusão, a mesma diz “eu percebo sim, que as famílias têm uma participação, inclusive temos companheira de trabalho que, não diria “problema”, no caso essa situação, e essa situação é encarada por todos da mesma forma. Inclusive são companheiras de coração”. Ao finalizar a gravação ela diz “é um tema difícil de falar, muito complicado porque se falar o que pensa pode dar problemas ainda mais nos dias atuais, que tudo é ofensa” (diário de campo da pesquisadora).

Para Pessanha (2011) a convivência social e a sociedade abraçam o casal homoafetivo, resguardados pelos princípios da igualdade, respeito às diferenças, liberdade e liberdade de orientação sexual, como família ancorada no afeto, tendo autonomia e legitimidade para a sua formação. Ao tocar no assunto de igualdade sobre as famílias homoafetivas, a professora Sara se mostra extremamente incomodada e diz;

existem tipos de casais, falando sobre a homoafetividade, eu já percebi casal homossexual que ficam normal na festa e participa, e já vi também, aqueles que querem causar, que querem se impor, que tipo me aceitem e pronto. Então eu acho que demonstrações de beijo, ou de estar pegando, já vi casal de mães fazendo isso na festa junina da instituição, eu acho que isso depende muito da pessoa. Porque tem pessoal que é normal, a gente não vê um casal hetero se pegando na festa da escola, eles vão participar, e já vi casal homossexual que se porta igual, e os que gostam de causar são essa geração nova, que querem fazer que engulam.

Já por outro lado a professora Sandra, que possui uma grande diversidade de famílias em sua turma, diz “tenho um monte, essa é a primeira vez que estou trabalhando com essa inclusão, de pais com sexualidade diferentes, e é algo novo”, e ainda ressalta “acho que todo lugar tem a inclusão e a exclusão, mas aqui acho que eles são bem atendidos, e é o direito deles” finaliza ao se referir a inclusão dessas famílias na instituição.

Grande parte do corpo docente da instituição, disse que a participação das famílias homoafetivas é igualitária as demais famílias. Porém Professora Renata, que é próxima a coordenação da instituição, em sua entrevista fala:

“na relação família e professor eu não vejo preconceito, eu acho que a professora dessa família conseguia lidar com isso muito bem, até mesmo no trato com a criança dentro da sala de aula. Já em relação a coordenação eu acho que existe sim um preconceito, não na frente da família, mas as falas depois, o jeito de se expressar, o jeito de sinalizar a família, o jeito de falar a “aqueles dois machinhos” ao se referir a duas mulheres. Então da parte da coordenação existe sim um preconceito.”

A mesma ainda ressalta que “essa família não era muito presente, talvez elas mesmo se colocavam no ponto de preconceito, porque toda reunião elas levantavam a questão que acha que tratam a gente de uma forma, por sermos um casal homoafetivo. Mas participavam do dia das mães e do dia dos pais, só que não de uma forma de inclusão, elas só participavam. E também não foi preparado algo pensando ou voltado para esse público, porque essa família nós sabíamos que era homoafetiva, mas e as que nós não sabemos. Já em relação a outras famílias, elas conversavam porque tinham colegas, e não percebia se existe esse preconceito”.

Já a coordenadora Claudia em sua entrevista se mostrou incomodada e em grande parte das perguntas, a mesma respondia de forma lacônica. Várias vezes perdia o foco mexendo no celular ou falando sobre outros assuntos. Mostrando total desinteresse no tema, e sempre frisando que o importante é o respeito ao próximo.

Pode-se perceber que cerca de 39% dos entrevistados não sabem como é feita a inclusão, e se ela é feita. Para Junqueira (2007), as instituições se negam a perceber e a reconhecer as diferenças de públicos presentes nela, muitas vezes para evitar debates como o direito de inclusão do público específico.

5.2 CRENÇAS E RELIGIÕES

Discursos religiosos foram utilizados para explicar o que é família, como a professora Laura “pra mim família é algo divino, desde pequena sempre quis ter uma família e sempre pedi pra Deus para me dar uma família, e o senhor me abençoou. Então ela pra mim é a minha base, o meu tudo. O que o senhor me deu e eu honro por ela”, e quando se trata de como essa família é constituída Laura ressalta que “eu acho muito importante ter o pai, a mãe e os filhos”. Segundo Oliveira (2016) a igreja católica acredita que os indivíduos podem recorrer a escolha de ser homossexual, e poderiam se submeter a conjugalidade e parentalidade heterossexual.

A professora Sara, utilizou do mesmo discurso religioso dizendo “pelas minhas crenças católicas, a família é tradicional com o pai, a mãe e os filhos. Mas agora nos dias que estamos vivendo entendemos que existem outros tipos de família, como por exemplo os avós, famílias homossexuais e isso foge um pouco do padrão, mas a minha tendencia católica é pai, mãe e filhos”, para justificar a formação de família, porém a mesma está fora desse padrão que acredita, uma vez que ela tem dois filhos e é divorciada.

Durante a entrevista com a coordenadora, quando questionada sobre como uma família é formada a mesma disse “Pra mim não tem esse conceito, mas tem que ter amor e respeito dentro da família, e ensinar os princípios para os filhos, como amar o próximo e respeitar”. Porém na instituição aconteceram apenas comemorações ao dia das mães e ao dia dos pais, e em nenhum momento foi levantado a possibilidade de uma festa para família, a fim de acolher os 14% de famílias monoparentais e homoafetivas. O último evento citado ocorreu no dia 08 de agosto de 2024, intitulado “chá dos pais”, o convite foi enviado para todas as famílias. Durante a abertura do evento, a coordenadora proferiu um discurso extremamente religioso e heteronormativo, na presença das famílias homoafetivas e isso gerou um desconforto que mais tarde foi evidenciado para o corpo administrativo. Segundo Pessanha (2011, p.45):

As famílias homoafetivas merecem respeito e resguardo de todos os direitos que lhes são inerentes, eis que não se pode entender o rol da Constituição ao descrever, união estável entre homem e mulher, casamento e família monoparental, como as únicas entidades familiares existentes, vez que os princípios constitucionais são norteadores a confirmar a família homoafetiva como merecedora de proteção estatal.

E em nenhum momento a coordenação orientou seus professores a como agir, principalmente com famílias homoafetivas, então Sandra, professora regente que possui duas famílias homoafetivas e uma monoparental em sua turma, optou por fazer um cartão para os “papais”, mesmo sendo orientada pelos auxiliares de turmas a fazer lembranças com palavras

remetendo a família, sem evidenciar papéis específicos dentro das famílias. As famílias homoafetivas fizeram uma publicação em suas redes sociais mostrando o descontentamento sobre o evento e as lembrancinhas recebidas da professora regente da sala de seus filhos.

No dia 14 de agosto, seis dias após o ocorrido, fui chamada juntamente com outro apoio, para uma reunião com a coordenadora, por volta das 12:30. O motivo dessa reunião foi para saber como chegar até as famílias homoafetivas, pois a lembrancinha do dia dos pais foi ofensiva. Claudia pediu para cada um explicar o fato ocorrido, e então foi relatado que antes de toda a organização para a festa, ambos apoios conversaram com a professora regente da sala com duas famílias homoafetivas, e a mesma acatou todas as ideias, ainda mostrou possíveis atividades que poderia confeccionar com as crianças (Diário de campo da pesquisadora).

Então Paulo explicou:

A professora mostrou o porta retrato que ia presentear as famílias, mas em momento algum, ela mostrou o papel com a frase desrespeitosa, a mesma fez em casa e no dia da festa colocou no saco da lembrança sem que eu percebesse. E na segunda feira dia 12/08, ela ia entregar mais um desses recados para a família homoafetiva que não participou do evento. Mas como eu vi antes, acabei retirando sem ela perceber, e no final da tarde a mesma saiu correndo dizendo que eu havia esquecido o presente da aluna.

“A coordenadora, por sua vez, disse que a professora muitas vezes não fez por mal, porque sempre terá o papel da mãe e do pai, e que uma das mães deve ter o papel do pai” (Diário de campo da pesquisadora). Nesse momento ela foi interrompida e Paulo continuou:

Essa fala é extremamente problemática, pois não existe papel do pai, é uma família de duas mães, e não falta nada, vou te dar um exemplo. Eu tenho uma irmã, e eu sou muito mais sentimental que ela. Então significa que se ela casar com um homem, a família será de dois pais? Apenas por ela não ser amorosa e delicada? Essa sua fala não faz sentido, porque apenas está estipulando papéis onde não deve ter”.

Claudia por sua vez tentou se justificar, dizendo que em sua família tem um primo que é casado com um homem, e que entre eles existe um que faz o papel da mãe, que é quem mima, quem arruma e cuida das crianças. Expliquei que não é dessa forma, a família é composta por duas mães e ponto final, não falta nada, e é por isso que elas estão indignadas, estão apenas buscando o respeito, que é direito delas, mas que por falas como essas, e situações como datas festivas sempre trazem desconfortos como esses. Ela se desculpou e pediu dicas de como falar com essas mães, e que ela errou por não fazer a festa da família, mas que é algo acima dela, pois foi decretado pela prefeitura, a secretária de educação, quando assumiu o cargo, decretou o dia das mães e o dia dos pais em todas as instituições de ensino municipais.

O discurso que ela fez no dia da festa foi mais uma coisa que incomodou, por se tratar de um discurso religioso em uma instituição pública. Claudia se justificou dizendo que na hora ela nem percebeu, ainda mais que só falou dos pais, e não das mães, que se esqueceu dessas situações, ainda mais porque ela trabalhou mais de 20 anos em uma instituição religiosa, e que tem esses costumes. Ao fim foi explicado que o foco das famílias não era detonar a instituição, ou queimar a professora, mas apenas serem respeitadas e acolhidas na instituição, pois desde o ano passado temos famílias homoafetivas, e pensei que esse ano teria algo para a inclusão das mesmas, mas não teve. Nessa direção, é preciso fazer algo para essas famílias, pois algumas delas nunca participaram das comemorações da instituição, e não adianta falar que são acolhidas, porque nitidamente elas não se sentem dessa forma. Por fim, antes de terminarmos a reunião, a coordenadora percebeu que as mães tinham chegado, e pediu para que nós saíssemos escondidos por outra porta, pois não seria legal elas verem a gente saindo da sala dela.

Após acalmar os ânimos da instituição, nada mais foi feito, nenhum(a) professor(a) tocou no assunto, e o caso foi esquecido. Para Mochi (2016), a dificuldade de aplicação das políticas educacionais inclusivas e a perspectiva cultural e religiosa de professoras/es são outros fatores que contribuem para a difusão dos processos de exclusão das famílias homoparentais.

5.3. FORMAÇÃO DOCENTE

Segundo Crociari e Perez (2018), a ausência de estudos sobre gênero e educação infantil mostra os desafios de consolidação da ideia de uma educação sexual escolar e de gênero visando o estudo e formação docente baseados nas atribuições sociais que são refletidas na escola.

Foram realizadas duas perguntas com o fim de identificar como o tema foi trabalhado na formação docente inicial e continuada e se as docentes consideravam o tema importante.

Tabela 4: Formação docente

Teve contato com o tema gênero e sexualidade durante a formação acadêmica?		Em sua opinião o tema gênero e sexualidade deve ser abordado na educação?	
Sim, com disciplinas e/ou palestras	13	Sim	21
Sim, com colegas	04	Sim, mas não na educação infantil	09
Não	16	Não deve ser abordado	03
Total:	33	Total:	33

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Através da coleta de dados, podemos perceber que de 33 funcionários da educação municipal, apenas 17 já tiveram contato com o tema gênero e sexualidade, e desses apenas 10 são professores da instituição, que conta com 26 professores atuantes, apenas 17 aceitaram participar dessa pesquisa. Para Leão e Ribeiro (2013), para garantir uma prática docente eficaz, é necessário o investir de maneira que o profissional tenha acesso ao conhecimento teórico e didático que necessita para uma prática pedagógica eficaz e diferenciada.

Ao perguntar se gênero e sexualidade devem ser abordados na educação, a professora Viviane diz “não, eu acho que deve ser abordado em família em casa, mas na escola não”. Porém o currículo da rede municipal de ensino (2020) fala que a sexualidade deve ser pauta tranquila e permanente durante todo o processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes dentro do espaço escolar, no viés da saúde e compreensão do funcionamento do corpo.

Entre os dados coletados, 26 funcionários relataram nunca terem participado de formações continuadas fornecidas pela prefeitura, com o tema gênero e sexualidade, ou diversidade de famílias. Apenas 2 professores já participaram, mas é para a área de educação física, frisando a gravidez na adolescência e infecções sexualmente transmissíveis. Malu é auxiliar de sala, e relatou que:

Por exemplo estou na graduação eu não tive nenhum debate, palestra sobre o tema que tragam informações de como trabalhar, e eu acho que deve ser trabalhado primeiro na formação de professores, para conseguirem trabalhar tais temas de forma lúdica, mais na área de conhecimento corporal e consentimento, até mesmo para a prevenção de abusos que infelizmente podem acontecer.

É de extrema importância a formações de professores nesses temas atuais, principalmente na educação infantil. Uma vez que a concepção e percepção profissional contribuem diretamente nos diálogos principalmente com as famílias, pois muitas vezes as mesmas não compreendem a figura do Professor, da diversidade e do gênero (DOURADOS, 2020).

A falta de formações leva a frases como a da professora Sara ao se referir a gênero e sexualidade na educação infantil, ela diz

eu acho desnecessário, porque é um conhecimento que a criança não precisa e não está interessada nesse momento. Porque a criança está em desenvolvimento, e a partir dos 4 anos que começam a perceber a diferença do sexo feminino e do masculino, mas antes disso eles não tem a maturidade, porque eles não têm o interesse. Apresentar a sexualidade para a educação infantil não compete, porque criança não namora, ela brinca. Eles estão aprendendo a ser comportarem como seres humanos, por isso precisamos de pessoas para ensinar as crianças, porque somos os únicos animais que

precisamos de uma pessoa adulta para nos ensinar. Então pra mim, trazer temas muitos complexos como sexualidade é contra produtor, pois está despertando uma coisa que ele ainda não entende. Por mais que você perceba que uma criança tem uma tendência homossexual, eles não entendem.

Segundo Miranda (2014), desde a infância já somos condicionados a se ajustar às normas do binarismo determinado socialmente. Como a fala que “homem não chora”, que foi utilizada pela mesma professora para se dirigir a um aluno de 2 anos que estava chorando, através dessa fala ela já está trabalhando gênero e sexualidade, mesmo sem saber.

6. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar falas de docentes e funcionários de um centro de educação infantil do município de Dourados – MS. Ao analisar as mesmas, podemos apontar a falta de formações continuadas sobre questões de gêneros, e falta de compreensão de temas como inclusões de famílias homoafetivas. O CEIM conta com 14% de famílias homoafetivas e monoparentais, e 39% dos funcionários participantes da pesquisa não souberam responder questões de inclusões relacionadas a essas famílias, indicando que não é algo debatido ou levado como pautas dentro da instituição.

Durante a coleta de dados, ocorreu o evento em comemoração ao dia dos pais, porém foi notório a falta de inclusão para as famílias não normativas. Na qual despertou inquietações, e episódios de desrespeito principalmente com as famílias homoafetivas que já estão na instituição a anos. Por fim essa temática não é problematizada com nenhum dos lados, e não existe a inclusão dentro da instituição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, G. M. **Maternidade Lésbica e subversividades: identidades de gêneros em contexto adversos**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2022.

Ação Direta de Inconstitucionalidade - ADI nº 4.277 DF de 2011. **Que reconhece a união homoafetiva através do Supremo Tribunal Federal, diário de justiça eletrônico nº 198 divulgado em 13/10/11 através do ementário nº 2607-3**. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=AC&docID=628635>. Acesso em: 18 jul. 2024

BORGES, R. C. V. **EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, SEXUALIDADE E GÊNERO: desafios para professoras(es) do Ensino Infantil**. 2016. Dissertação (Programa de PósGraduação em Educação Sexual) - Faculdade de Ciências e Letras Sociais, Universidade Estadual de São Paulo, Araraquara, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil/ Ministério da Educação**. Brasília. DF: Secretaria da Educação básica, Vol. 2. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2024

Ciribelli, C. J. de M., & Rasera, E. F.. (2019). **Construções de Sentido sobre a Diversidade Sexual: Outro Olhar para a Educação Infantil**. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 39, e175599. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1982-3703003175599>>. Acesso em: 08 out.2024

COLLING, L. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: Superintendência de Educação a Distância, 2018. E-book. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/30887/1/eBook%20-%20Genero%20e%20Sexualidade%20na%20Atualidade.pdf> . Acesso em:03 abr. 2024.

CROCIARI, A.; PEREZ, M. C. A. O que estamos estudando sobre gênero na educação infantil: as lacunas na formação docente. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 14, n. esp.2, p. 1556–1568, 2019.

JUNQUEIRA, R. D. **Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. Rev. Bagoas, Natal-RN, v. 1, n.1, jul/dez. 2007a. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/educacaoemhomofobia/TextosSite/Homofobialimitesepossibilidadesdeumconceitoemmeioadisputas.pdf>>. Acesso em: 08 Out. 2024

LEÃO, A. M. D. C.; RIBEIRO, P. R. M. Curso de formação inicial em sexualidade: relato de uma proposta interventiva. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 8, n. 3, p. 609–638, 2014. DOI: 10.21723/riaee.v8i3.6585. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/6585>. Acesso em: 17 nov. 2024.

MELLO, L. **Novas Famílias: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005a.

MOCHI, L. C. C. **Afinal, do que é feita uma família? Famílias homoafetivas femininas: da (in)visibilidade às percepções hétero/naturalizadas de profissionais da educação básica.** 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

OLIVEIRA, R. F. **Famílias homoparentais com filhos em contexto escolar: conflitos, desafios e possibilidades da educação nesse cenário.** 2020. 174 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

PESSANHA, J. F. **Direito fundamental à educação e as famílias homoafetivas: uma reflexão sobre o currículo multicultural nas escolas.** 2011. 336 f. Dissertação (Mestrado em Direitos e Garantias Fundamentais) - Programa de Pós-Graduação em Direitos e Garantias Fundamentais, Faculdade de Direito de Vitória, Vitória, 2011.

Prefeitura Municipal de Dourados. Secretaria Municipal de Educação. **Currículo da Rede Municipal de Ensino de Dourados-MS.** Dourados, MS, 2020. Disponível em: <https://do.dourados.ms.gov.br>. Acesso em: 17 nov. 2024.

REIS, M. C. L. **A atuação dos professores de educação infantil em relação ao gênero: sexualidade infantil, discriminação social e relações de poder.** 2016. 140 f. Dissertação (Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

RIBEIRO, P. R. M. A educação sexual na formação de professores: sexualidade, gênero e diversidade enquanto elementos para uma cidadania ativa. In: RABELO, A. O.; PEREIRA, G. R.; REIS, M. A. S. (Org.). Formação docente em gênero e sexualidade. Petrópolis: DP et al. p.7-15, 2013